

A JANGADA E OUTROS INSTRUMENTOS •

Prof. Oswald Barroso

O litoral cearense, extenso e arenoso, embora marcado por traços da cultura do sertão, que muitas vezes chega até ele, guarda peculiaridades que lhe dão feições culturais próprias. Sua cultura gira em torno da pesca e outras atividades artesanais. Tem no pescador e em sua mulher, rendeira ou labirinteira, seus tipos característicos. Entre os pescadores, avulta a figura do jangadeiro, pescador de águas salgadas, que utiliza a jangada como embarcação, por ele próprio muitas vezes fabricada. A rendeira e a labirinteira são artesãs do bordado, enquanto uma tece no ar seus desenhos, a outra abre no pano seus florões e arabescos. Eram pescadores os tabajara, tremembé, pitiguara e outras tribos da nação Tupi, que habitavam nosso litoral antes da chegada dos colonizadores. Utilizavam a igapeba, jangada de cinco paus roliços, amarrados com cipós, a qual moviam com a jacunã, um bastão chato que fazia as vezes de remo. A vela passou a ser utilizada pelos tupis, por influência dos navegadores europeus. Era triangular e tinha o nome de cutinga (língua branca). Também outros aparelhos náuticos, como o banco do mastro, a carlinga e a bolina, surgiram após a chegada dos brancos. Deste modo, podemos dizer que a jangada, a mais típica embarcação empregada por nossos pescadores, é uma invenção cabocla (pelo menos em sua forma cearense tradicional), pois a seus elementos tupis, foi acrescida a arte dos navegadores europeus. Os nomes indígenas de seus diferentes equipamentos de pesca, como o samburá, o toaçu, a araçanga, o aracambus e a tapinambala, porém, permaneceram até hoje. Como resultado do aperfeiçoamento das antigas embarcações indígenas, operado por influência da arte náutica ibérica, surgiu a jangada imortalizada pelos poetas e feitos dos jangadeiros. Em seu tamanho maior, ela tem de seis a sete paus (duas bordas, dois meios e dois ou três centros), mede de 8 a 9 metros de comprimento, por 1,80 m. a 2 m. de largura. Em seguida, aparece a jangada tipo pacote (de 4,50 m por 1 a 1,30 m). O bote (de 3 m por 80 cm) é a menor delas. As jangadas grandes costumam levar quatro tripulantes: o Mestre, o Proeiro, o Bico-de-proa e o Contrabico. As jangadas eram construídas, antigamente, pelos próprios jangadeiros, em processo totalmente artesanal, com rolos de madeiras leves, como a piúba (proveniente da região amazônica), para jangadas maiores, e a timbaúba (encontrada aqui mesmo), para botes e jangadas

• **FONTE:** Sinf Secult(Sistema de Informação da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará). Relatório de Listagem de Patrimônio Imaterial. (www.sinf.secult.ce.gov.br)

menores, justapostos e unidos por espeques de madeira dura, como a maçaranduba e o pau ferro. Com o escasseamento destas madeiras, entretanto, e para permitir melhor abrigo nas viagens mais longas, de algumas décadas para cá, as jangadas passaram a ser feitas de tábuas, tendo um porão, que permite não só o armazenamento do pescado, mas até o descanso dos pescadores. As velas tradicionalmente são confeccionadas de algodãozinho branco, porque pegam melhor o limo da maresia e a gordura do peixe, ficando mais resistentes com o tempo. Hoje, boa parte das jangadas utilizam velas coloridas, feitas de tergal (tecido preferido porque não encharca) com a logomarca de seus patrocinadores. No litoral Oeste do Estado, principalmente nos municípios mais próximos ao Piauí, como Camocim e Acaraú, a jangada é substituída pela canoa, como embarcação preferida dos pescadores. A canoa, que também é impulsionada por uma vela triangular, embora mais rápida quando pega vento, tem a desvantagem de naufragar com maior facilidade. Já o paquete, antes feito de toros de madeira tirados das raízes da timbaúba, uma árvore nativa, hoje também é feita de pranchas de madeira duras, como o louro. O uso de tábuas na construção das embarcações, tanto nas jangadas, quanto nos paquetes, garante maior durabilidade às embarcações, que antes duravam um ano, no caso se fabricadas com timbaúba, uma madeira ainda mais mole, e no máximo dois, no caso da piúba. Em muitas praias e foz de rios, os pescadores utilizam também botes e bateras. Jangadas de piúba e canoas, além disto, não permitem permanências prolongadas no mar, com pernites repetidos. Geralmente, quando as utilizam, os pescadores embarcam madrugada cedo e voltam à tardinha, estacionando suas embarcações para a pesca de linha, ou tarrafa, na risca do horizonte (quando visto de terra). Já as jangadas de tábua permitem pernoite e estadias mais prolongadas no mar, durante as quais os jangadeiros se orientam pela posição dos astros. Para a pesca da lagosta, que exige percursos mais longos e permanências mais demoradas no mar, são utilizadas lanchas, isto é, barcos lagosteiros a motor.